

A REMEMORAÇÃO COMO ATO DE REFLEXÃO E RESISTÊNCIA NO LIVRO ‘O AVESSE DA PELE’ (2020) DE JEFERSON TENÓRIO.

Gabriel Cunha da Silva ¹
Lardson Bezerra da Silva Sousa ²
Francisca Érica dos Santos Souza ³

INTRODUÇÃO

O presente estudo se estabelece nos aspectos de memória e identidade como forma de resistência, mais especificamente como a obra *O Averso da Pele* de Jeferson Tenório (2020) aponta essas características tendo por base o racismo estrutural na sociedade brasileira contemporânea. Foram abordados os estudos de Maurice Halbwachs (1990), que introduz o conceito de ‘memória coletiva’, onde o autor sugere que as lembranças são construídas e compartilhadas dentro de um grupo social.

E por fim, Paul Ricoeur (1994) em ‘Soi-même comme un autre’ (O Si-Mesmo como um Outro) que aborda a questão da identidade pessoal e a dialética entre o ‘eu’ e o ‘outro’, tecendo discursos sobre como a identidade existente em alguém é construída com aspectos na relação que possui com outras pessoas e nas narrativas que cria em suas vivências.

O livro narra a história de Henrique com enfoque na visão de Pedro, seu filho, que rememora a vida do pai com o auxílio de informações que recebia, como forma de entender quem o pai era e por que foi morto em uma abordagem policial violenta. Assim, Pedro vai tecendo várias questões sociais e históricas baseadas na cor da pele de seu pai, de sua mãe e, por fim, na sua própria. A cada memória, essas questões vão se atrelando à narrativa contada sobre sua própria vida e contexto familiar, servindo de base para entender a construção de sua identidade como pessoa negra, sobre o que enfrenta, o que foi ensinado a enfrentar e o que aprendeu a resguardar após a morte do pai.

A rememoração neste livro é um poderoso ato de resistência. Pedro, ao longo da narrativa, vai se imergindo em um espaço que proporciona a constatação de injustiças e a valorização das experiências vividas. É na vida do pai que encontra tudo o que precisa

¹ Graduando do Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL gabriel.silva@uemasul.edu.br

² Graduando do Curso de pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL lardson.sousa@uemasul.edu.br

³ Mestra do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, francisca.souza@uemasul.edu.br



para entender-se enquanto pessoa na sociedade e percebe que sua vida não é tão distante da vida de Henrique, enquanto pessoas negras. Lembra-se, por exemplo, de quando foi ‘preparado’ pelo pai para viver em sociedade, com todos os conselhos que recebia enquanto criança sobre o quanto seria difícil ter uma vida ‘normal’ como qualquer pessoa branca. E assim, utilizando a memória, o autor Jeferson Tenório constrói um compêndio de vozes e histórias que desafiam qualquer tipo de esquecimento, perpassando o direito de existir e resistir como pessoa negra numa sociedade marcada por tamanhas desigualdades sociais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A referente pesquisa é de contexto qualitativo, combinando a análise literária a temática discursiva com o intuito de identificar como ocorre a rememoração no contexto da memória pessoal e coletiva, atuando como estratégia de reflexão e resistência com base na narrativa apresentada na obra. Assim, objetivada em como a rememoração na obra *O avesso da pele* de configura como um ato de refletir sobre a identidade negra como mecanismo de resistência frente às violências sociais pautadas no contexto racial e as invisibilidades sociais existentes para com essa comunidade.

Nesse contexto, foram mapeados episódios como memórias pessoais e coletivas, tempo, voz narrativa que articulam para o ato da rememoração e, analisou-se como essas lembranças produziram críticas sociais e políticas dentro do que foi exposto, além de, relacionar essas estratégias a conceitos teóricos sobre memória, identidade racial e resistência. Por fim, entender como a memória funciona para dar valor de sentido de luta e sociedade dentro da narrativa apresentada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na sua obra denominada ‘memória coletiva’, Maurice Halbwachs explora como as memórias individuais podem ser moldadas e por vezes, sustentadas por grupos sociais. Ele argumenta que a memória não é apenas uma função do indivíduo em si, mas que também é influenciada a todo momento de acordo com o contexto social ao qual está inserido. Com base nisso, Maurice introduz então o conceito de ‘memória coletiva’ onde sugere que as lembranças são construídas e compartilhadas dentro de um grupo social. Seja entre família, amigos, comunidade ou toda a sociedade em geral. Para Halbwachs, as lembranças individuais são reforçadas e organizadas com base na interação social e as questões culturais que são compartilhadas.



Para Halbwachs (1990):

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1990, p.25).

Segundo Maurice Halbwachs, a nossa confiança na precisão e nossas lembranças aumentam quando são expostas e confirmadas por outras pessoas pois quando outras pessoas têm o mesmo sentido de lembrança que um indivíduo possui, isso reforça sua memória e torna essa lembrança algo mais sólido e confiável. Pois confirmar sua rememoração com base na memória alheia faz com que aquela experiência fique vivida e confirmada por outros ao mesmo tempo, o que dá validade a lembrança. Com base nisso, Halbwachs destaca a importância da informação para construir e confirmar memórias individuais.

De acordo com Halbwachs (1990):

A memória não tem alcance sobre os estados passados e não no-los restitui em sua realidade de outrora, senão em razão de que ela não os confunde entre si, nem com outros mais antigos ou mais recentes, isto é, ela toma seu ponto de apoio nas diferenças (Halbwachs, 1990, p.96).

Para Halbwachs, a memória não só recupera estados passados com originalidade, mas também tem o potencial de distingui-los com base nas diferenças específicas. Para ele, a memória funciona porque pode separar e diferenciar eventos e experiências passadas, por exemplo, evitando uma confusão na hora de distingui-los. Ou seja, a memória é um lugar de seletividade e que lembra apenas de aspectos distintos e que possuem algum tipo de significância. Halbwachs enfatiza que a memória é uma construção que depende de habilidades e diferencia diferentes experiências e tempos. Utilizando essas certas experiências para lembrar do passado da forma ordenada e precisa

O sociólogo Halbwachs, destaca que o poder da memória aparece principalmente quando várias pessoas passam a compartilhar lembranças de uma experiência em comum, onde conseguem ir construindo detalhes do acontecimento com maior precisão. Isso se dá porque a junção de memórias fornece uma melhor descrição de certos eventos ou objetos que se testemunha de forma coletiva. Pois mesmo que um determinado indivíduo



esqueça algo que aconteceu, a combinação dos fatos narrados pode fazer com que ele recorde sobre esses acontecimentos.

Paul Ricoeur, em sua obra de 1994. “Soy-même-comme un autre” (o si mesmo como um outro), aborda a questão da identidade pessoal e dialética entre o ‘eu e o outro’. O sociólogo tece vários discursos sobre como a identidade existente em alguém é construída com aspectos na relação que possui e às narrativas que ela passa a criar sobre sua vida com base na vivência. Ele também argumenta que a identidade pessoal é formada tanto pela ‘ipseidade’ (a noção de si mesmo) quanto pela ‘mesmidade’ (a consistência e continuidade ao longo do tempo).

Minha tese está, pois, igualmente afastada de duas outras: a que concluiria pelo recuo da história narrativa à negação de qualquer laço entre história e narrativa e faria do tempo histórico uma construção sem apoio no tempo da narrativa e no tempo da ação, e a que estabeleceria entre história e narrativa uma relação tão direta como aquela, por exemplo, da espécie ao gênero e uma continuidade diretamente legível entre o tempo da ação e o tempo histórico. Minha tese repousa na asserção de um laço indireto de derivação pelo qual o saber histórico procede da compreensão narrativa sem nada perder de sua ambição científica. Nesse sentido não é uma tese do meio-termo (Ricoeur, 1994, p. 134).

Segundo Ricoeur, discutir a relação entre história e narrativa, propõe uma tese que se afasta de duas posições consideradas extremas. Ainda, a negação do laço entre história e narrativa: argumenta que a história narrativa é construída sem possuir algum tipo de conexão com o tempo da narrativa e o tempo que ocorre a ação, com isso, sugere que o tempo histórico é simplesmente uma criação completamente autônoma e que não depende da narrativa para ser estabelecido.

E a relação direta e simples entre história e narrativa: é outra visão que passa a defender que tanto a história quanto a narrativa possuem uma relação direta e continua, que se assimila a relação entre espécie e gênero, onde a ocorrência do tempo da ação se consolida diretamente no contexto do tempo histórico. Ricoeur, não considera nenhuma das abordagens pois para ele, o saber histórico nasce da compreensão da narrativa, porém com base na sua ambição científica. Ou seja, a história possui uma base na narrativa para então formar seu conhecimento, porém mantendo rigor e apossado no seu método científico.



Primeiro, a história só é conhecimento pela relação que estabelece entre passado vivido pelos homens de outrora e o historiador de hoje. Conjunto dos procedimentos da história fez parte da equação do conhecimento. Daí resulta que o passado realmente vivido pela humanidade só pode ser postulado, tal como kantiano, na origem do fenômeno número empiricamente conhecido. Ademais, se o vivido passado fosse-nos acessível, não seria objeto de conhecimento porque, quando era presente, esse passado era como nosso presente, confuso, multiforme, ininteligível. Ora, a história visa a um saber, a uma visão ordenada, estabelecida sobre cadeias de relações causais ou finalistas, sobre significados e valores (Ricoeur, 1994, p. 142).

Paul apresenta uma reflexão de acordo com a natureza do conhecimento histórico e a relação existente entre o passado e o historiador atual. Nessa relação entre o passado e o historiador: destaca a história como conhecimento adquirido pela interação entre o passado dos homens e do historiador no presente. E que o conhecimento histórico não é simplesmente uma consequência do passado, mas de uma construção que envolve a interpretação do historiador. Nos procedimentos da história.

Para Paul, faz parte da ‘equação do conhecimento’, sugere que é fundamental para transformar o passado em conhecimento. E dentro do postulado do passado vivido: Paul argumenta que o passado é algo que podemos inferir e reconstruir, mas nunca conhecer por completo. Essa análise mostra a visão do sociólogo sobre a história como uma disciplina para interpretação e metodologia, que visa dar sentido ao passado de acordo com a perspectiva do presente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As afirmações teóricas apresentadas servem de base para entender os processos de rememoração vivenciados por Pedro, na obra *O Averso da Pele* de Jeferson Tenório. Filho de Henrique, Pedro explora a vida e as relações sociais construídas pelo pai para tentar descobrir o que o levou a ter uma vida tão sofrida e, por fim, ser morto em uma abordagem policial extremamente violenta e fatal. Pedro conta a história de modo desordenado, de acordo com o que recorda do pai e com o que lhe é dito e apresentado. Em alguns momentos, Pedro busca tirar suas próprias conclusões com base no que acredita e no espelho que vê entre sua vivência como homem negro na sociedade e nas questões cotidianas que enfrenta por conta da sua cor de pele.



Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se. Construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as coisas. Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer (Tenório, 2020, p. 11).

O seguinte trecho valida um processo de rememoração que é manifestado como um ato de reflexão e resistência emocional, isso porque Pedro tece tanto o modo que o pai tinha de ficar parado pensando em muitas coisas, como também a imagem que Pedro constrói do pai com base na casa e dentro de si para lidar melhor com a situação. A frase ‘partiu para regressar a mim’ busca pela conexão que vá além da ausência física, mas também como a morte brutal de Henrique faz com que ele reflita sobre sua identidade e sobre quem é no mundo enquanto homem negro, e como passa a entender que seu pai foi morto pelo racismo estrutural existente na sociedade ao qual está inserido

. A referência feita ao corpo que ‘não vai parar de morrer’ diz respeito a percepção da finitude e o resguardo da memória, mesmo na ausência física. Pois Pedro sente que sempre vai vasculhar as memórias mais profundas para relembrar do pai e, acima de tudo, consegue vê-lo ali, em seu quarto, em sua casa.”

Lembro o dia em que você me disse que sua cabeça era de Ogum, e que isso era ter sorte, porque Ogum era o único orixá que sabia lidar com os abismos. Lembro que foi de sua boca que escutei pela primeira vez a palavra abismo”. Há palavras que guardamos na infância porque nos confortam. Lembro agora do que minha tia Luara havia me dito para fazer quando encontrasse o seu Ogum. Enrole-o num pano, segure-o entre as mãos e leve-o para o rio, ela me disse. No entanto, antes de sair, vou ao seu quarto, observo da porta: há roupas espalhadas, outras jogadas dentro do armário. Sobre a mesa, há canetas sem tinta, meias sem par misturadas a notas de supermercado (Tenório, 2020, p. 12).

No seguinte trecho de Tenório (2020) o personagem Pedro traz um processo de rememoração fundamental para a construção de reflexões baseadas na vida do pai. Por exemplo atrelando a memória a identidade cultural que tinha de Henrique. A lembrança do dia em que disse que sua cabeça era de Ogum, que está fortemente ligada à identidade cultural e religiosa. Ogum que é um orixá da religião afro-brasileira e representado pela



força, guerra e proteção. Essa memória reflete sobre como Pedro resguarda as crenças do pai como símbolo de força e luta, encontrando um possível conforto na crença nos seus orixás. Especialmente em Ogum, que era o guia de Henrique.

Assim como a ideia de que palavras guardadas na infância trazem conforto e como a linguagem pode ser utilizado como mecanismo de conforto, como vemos na palavra ‘abismo’ recordada por Pedro, a cerca de uma das questões relacionadas ao orixá Ogum e que lhe traz um momento de reflexão. A instrução da tia mostra a importância de preservar os rituais sagrados de Henrique.

{...} Quando ele diz isso, você lembra que um dia já tinha sido algemado como um bandido. Isso aos catorze anos, quando você estava num ponto esperando o ônibus, em Copacabana, para ir encontrar seu padrasto. Foi então que um ônibus parou e dele desceram alguns moleques que apontaram para você dizendo: foi ele, foi ele. Você não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo, e num impulso decidiu correr e, ao olhar para trás, viu um monte de gente correndo atrás de você. E por instinto de sobrevivência você entrou numa galeria de lojas, na rua Barata Ribeiro. Você entrou no primeiro lugar aberto que encontrou: uma igreja evangélica Assembleia de Deus. Aos trinta anos você até pensou que deveria ter se tornado pastor para retribuir sua salvação. Você entrou e se escondeu atrás de um dos bancos. A igreja estava vazia. Ficou ali, quieto, esperando, escutando a própria respiração (Tenório, 2020, p.15).

No trecho apresentado, Pedro relembra quando o pai passou por um evento traumático que aconteceu quando ele tinha catorze anos. Desencadeando uma sensação de gatilho quando escuta a palavra ‘algema’, apresentando essa memória significativamente traumática. E a partir da ir há uma reconstrução da memória onde o narrador a partir das memórias do pai, rememora e detalha o acontecido, apontando aspectos como o bairro, nome da rua e todo o contexto histórico por trás onde num ponto de ônibus em Copacabana seu pai Henrique é confundido com bandido por alguns meninos brancos.

Com isso, Henrique corre assustado, chegando na rua barata ribeiro entra numa igreja e fica lá quieto até eles encontrá-lo e espanca-lo, e por fim, não o matar por que o pastor da igreja impediu o ato, até que na delegacia descobrem que Henrique era inocente. Apresentando esses aspectos do medo, a reação impulsiva, a apreensão e o modo como esse evento traumatiza Henrique. Esse fardo passa a ser parte da vida dele, já que vai



conviver para o resto da vida com esse trauma e com esse peso social em cima de si, por ser um homem preto.

Então, num dia em que estavam sentadas na praia, Flora olhou para minha mãe e perguntou, talvez sem maldade, por que a pele dela era mais escura. E foi a primeira vez que alguém falou da cor da sua pele. No início, minha mãe não se importou. Mas, na hora em que Madalena foi questionada por minha mãe a respeito daquilo, ela não soube o que dizer. Talvez nunca tivesse pensado numa coisa assim. Em seguida, disse apenas que a mãe e o pai dela eram negros e que por isso tinha essa cor. Minha mãe fez um movimento afirmativo com a cabeça. Madalena achou que era pouco, e completou dizendo que a cor dela não significava nada. Que cada pessoa é uma pessoa e nunca deixe te diminuírem porque você é negra, ela disse. Minha mãe, a princípio, não entendeu por que ela falara aquilo com tanta ênfase e passou dias pensando naquela palavra: “negra”. Antes, ela era Martha ou Martinha. Agora, depois de uma simples pergunta, ela passara a ser Martha a negra (Tenório. 2020, pág.44).

O seguinte trecho traz à tona um processo de descoberta de identidade negra refletido por Marta, a partir do momento em que é questionada por Flora sobre o porquê de sua cor de pele ser mais escura que a dela e da mãe. Nesse momento, Madalena tenta explicar que isso se dá pelo fato de os pais de Marta serem negros e tenta também minimizar a situação explicando para Flora que aquilo não tem importância e que todos são iguais na sociedade.

Porém, toda aquela situação é recebida por Marta como uma reflexão de identidade. Nesse momento, Marta entende quem é na sociedade e como sua cor de pele será motivo de debates e, além disso, de questões muito profundas e delicadas. Pedro rememora esse processo talvez para tentar entender a força da mãe perante uma sociedade que, por muitas vezes, marginaliza alguém por conta da sua cor de pele.

Minha mãe estava com treze anos quando escutou um homem que tinha idade para ser seu avô dizer que ela era uma mulatinha muito gostosa. E, ao ouvir aquilo, minha mãe se assustou, porque jamais tinha sido chamada assim. Achou nojento, nunca tinha pensado que seu corpo e sua pele pudessem atrair a atenção dos homens daquela forma. E, assim, ela ganhava outro adjetivo que carregaria pelo resto da vida: “mulatinha”. E nessa época ela percebeu que seus seios ganharam massa, suas pernas e bunda também, como se uma espécie de



fermento fizesse seu corpo crescer alheio a sua vontade, e minha mãe não sabia muito bem o que fazer. Então, ela passou a se cobrir do jeito que podia. Imitava Madalena, ao usar maio. Tinha vergonha de que outro velho ou mesmo um menino dissesse algo a respeito do seu corpo. Por isso, no verão, Flora e minha mãe preferiam a cachoeira, que era mais vazia (Tenório, 2020, pág. 45).

Pedro, ao falar sobre casos sofridos pela mãe ainda quando adolescente, faz uma reflexão sobre como os corpos de mulheres negras são vistos por certos homens como esse objeto de prazer. Quando Marta começa a ter essa transição de criança para adolescente, desenvolvimento dos seios, bunda etc. Passa a ser alvo de outros tipos de discriminação pautada na sua cor de pele e sobre como grande maioria dos homens na sociedade veem mulheres negras como esse ápice de prazer sexual. Isso muda totalmente a rota, pois Marta que costumava ir à praia e usar biquíni passa a se cobrir, como uma forma de proteção do seu corpo. Agora irão frequentar a cachoeira, pois era um lugar privado onde apenas elas poderiam estar ali e serem felizes tendo lazer, sem alguém para incomodar.

Eu queria apenas brincar e ser como os outros filhos eram com seus pais. No entanto, agora eu sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. E necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. Lembro que você fazia um grande esforço para ser entendido por mim. Eu era pequeno e talvez não tenha compreendido bem o que você queria dizer, mas, a julgar pela água nos seus olhos, me pareceu importante (Tenório, 2020, pág. 51).

Pedro, questiona-se sobre o desejo que tinha de ser como qualquer outra criança Branca na sociedade, não ter de ouvir ensinamentos sobre formas de sobrevivência desde cedo por conta da sua cor de pele e da preocupação do pai com seu futuro. Então, escutava com atenção o que o pai tinha a dizer sobre o quanto os negros deveriam lutar pela sobrevivência em uma sociedade altamente preconceituosa.



Pedro lembra do pai lhe dizendo que é necessário “preservar o avesso” que simboliza o interno, os sentimentos, preservar aquilo que não é visto, mas é sentido. E não deixar que a cor de sua pele tome o lugar dessa pessoa “dura” a todo tempo, mas saber respeitar o que sente e lidar com isso. E por fim, relembra que não entendia muito bem o que Henrique queria dizer pois era muito pequeno para conversas tão complexas, mas entendia que era muito importante pois o pai mantinha os olhos cheio d’água quando tocava nesse assunto.

Tentava encontrar qualidades na vida com minha mãe. Certamente, além do sexo, o fato de ambos serem negros era um dos elementos que pesavam nessa balança. Pois, a princípio, a cor da pele não deveria ser um problema; afinal, quando vocês saíam na rua, isso não era um incômodo. Pois, quando vocês entravam numa loja ou num restaurante, ninguém olhava para vocês com curiosidade ou espanto. Vocês faziam parte do mesmo grupo racial, e isso tranquiliza as pessoas. A inserção da minha mãe na sua família foi bem mais fácil do que você tinha imaginado. Embora a minha avó tenha desconfiado dela, mesmo ela sendo da raça, apenas pelo modo como a minha mãe te olhava e te dava ordens, e pelo modo como você acatava e tentava fazer suas vontades (Tenório, 2020, pág. 64).

No seguinte trecho, Pedro retrata como o relacionamento com Marta parte de um lugar confortável para Henrique, já que seu antigo relacionamento com uma mulher branca ocasionou vários problemas de relações familiares, e seu relacionamento terminou justamente por tudo o que Henrique ouvia sobre sua cor de pele ou sobre pessoas negras nos jantares com a família dela. Então, relacionar-se com Marta, que era negra e vinha de família negra, passou a ser uma relação confortável para ele a partir do momento em que seria mais ‘comum’ socialmente do que um casal interracial, não sendo esse lugar de espanto e questionamentos sobre quem poderia vê-los juntos.

Conheci Saharienne pouco depois de entrar na faculdade de arquitetura. Tive alguma dificuldade em fazer amizades ali. A primeira pessoa com quem conversei e que depois se tornou meu amigo foi o Mauro. Éramos poucos os negros no curso. Então, quando nos vimos, creio que a vontade de pertencer a um grupo influenciou nossa aproximação. Mauro morava na cidade de Alvorada, no bairro Jardim Porto Alegre. Assim como eu, havia entrado na faculdade pelo sistema de cotas. Mauro tinha a pele mais escura que a minha. Suas histórias sobre abordagem policial, perseguição por seguranças em lojas,



ou mesmo sobre senhoras que recolhiam suas bolsas quando o viam por perto, acabaram nos aproximando também. Foi através do Mauro que conheci Saharienne. Lembro do dia em que o Diretório Acadêmico dos Estudantes promoveu no campus um debate sobre racismo (Tenório, 2020, pág. 88).

Pedro tece uma relação de identidade negra com base na memória que recorda da época de faculdade e da amizade que teve com Mauro. Pois, Pedro tinha dificuldade em fazer novos amigos e o curso tinha poucas pessoas negras, então, ao fazer amizade com Paulo ver-se uma porta para compartilhar as experiências em comum como pessoas negras em um lugar de maioria Branca. Além de terem entrado na faculdade pelo sistema de cotas, o que acaba colocando como cheque seus processos de vulnerabilidade social. Mauro possuía uma pele mais escura, com isso, carregava um processo de discriminação profundo, o que acaba aumentando o vínculo entre os dois. Como por exemplo, ter sofrido perseguição policial, ser perseguido por seguranças em lojas etc.

No meu tempo o professor enchia o quadro e a gente copiava tudo, não tinha isso de não fazer nada, eu até ganhei uma distinção de melhor aluna do ginásio, porque eu copiava tudo e gostava muito de estudar química. O professor Gervásio era o mais durão na época, a gente tinha medo dele, e eu acho que hoje falta isso, professor, os alunos não têm mais medo dos professores, por isso a escola está desse jeito. Eu lembro que minha mãe nunca admitia que eu chegasse em casa com nota baixa, minha mãe era uma mulher braba, e sabe, professor; eu não tive pai, porque ele morreu quando eu tinha seis anos, minha mãe era quem cuidava de tudo, lutou muito para nos criar; a gente nunca passou fome, professor, mas a gente teve dificuldades e, quando tinha pouca comida, minha mãe costumava fazer uma sopa de couve com feijão, o senhor já comeu sopa de couve com feijão? A essa altura, obviamente a sua cabeça já estava em outro lugar, e, mesmo que você respondesse qualquer coisa, não faria diferença (Tenório, 2020, pág. 111).

Pedro relata como era a realidade profissional do pai em uma escola de periferia, sobre como os pais tratavam os alunos após as reuniões de pais e mestres, especificamente como Henrique via toda aquela situação em que o pai agredia o filho por tirar nota baixa ou não ter bons rendimentos na escola. No trecho citado, uma mãe tece várias críticas à forma como a educação se consolidou na realidade e critica o corpo docente por não ter comportamentos mais duros com os alunos.



Inclusive, a personagem cita relatos de sua própria vida para fazer uma comparação entre o tempo em que frequentava a escola e o modelo educacional que o filho tinha, especificando alguns tipos de comportamentos como “palmatória” etc., que faziam com que os alunos tivessem medo e respeito ao professor em sala de aula. Ao receber essas informações, Henrique parece perdido, sem dar muita atenção ou importância ao que está sendo dito. Ele está pensando em outras coisas, viajando em sua realidade, sua vida, e entende que não há nada que possa fazer para mudar essa realidade.

Ele se levanta. Vai ao banheiro. Mija ainda ofegante. O pesadelo foi tão real que ele cogita ir até o guarda-roupa e pegar a arma. Ele lava as mãos, passa uma água no rosto. Em minutos se sente melhor. Mais calmo. Volta para o quarto, não sem antes passar pelo quarto das crianças. Está tudo bem, ele pensa. Depois, olha para o relógio. São cinco da manhã. Em meia hora ele vai se levantar. Mas ele não consegue mais dormir. Pensa no dia que terá pela frente. Depois que o cabo Maicon morreu por causa da merda de um celular, foi identificado como policial pelos assaltantes. Vai para a cozinha e toma o café. Na sala, liga a TV, assiste ao noticiário. Prefere as notícias sobre violência e a previsão do tempo. As seis e quarenta ele sai. Pega o ônibus de farda para não precisar pagar a passagem. Os passageiros sempre o notam, ele já não liga para isso (Tenório, 2020, pág. 145).

Pedro relata possíveis ações tomadas pelo policial antes de assassinar seu pai, especificamente sobre os últimos sonhos recorrentes que tinha sobre negros invadindo sua casa a partir do momento em que um colega de trabalho chamado Maicon foi assassinado. Ele, com o auxílio de outro policial, queria a todo custo encontrar o criminoso. Por isso, faziam diversas patrulhas nas ruas de Porto Alegre e, nessas patrulhas, sempre abordavam pessoas negras. Foi em uma dessas patrulhas que Henrique foi morto após sair muito feliz da aula, pois seus alunos tinham prestado atenção no conteúdo proposto.

Henrique estava tão radiante que não escutou os gritos de abordagem policial. Quando parou, tirou da mochila as tarefas feitas e começou a falar sobre a aula. Então, levou um tiro no braço, outros mais, e por fim, um tiro na cabeça dado pelo policial que tinha sonhos recorrentes com possíveis ‘criminosos negros.

A dor era minha e eu queria escondê-la. Mas um rapaz jovem, negro, que se identificou como ex-aluno, pediu para falar: eu queria começar dizendo que eu



conheci o professor Henrique Nunes na sétima série, eu tinha doze anos. E não tenho como medir tudo que ele fez por mim, tudo que ele fez por inúmeros alunos, tudo que ele me ensinou. Estou arrependido de não ter dito isso a ele. Quero dizer também que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras há séculos. Nesse momento, o rapaz se comoveu, a voz ficou embargada e ele disse que não conseguia mais ir adiante. Depois disso, o caixão foi baixado na cova (Tenório, 2020, pág. 154).

No trecho, a dor mencionada por Pedro reflete a dor que sente pela perda do pai e que é compartilhada coletivamente com um aluno de Henrique. A fala do ex-aluno traz uma contribuição para provar a pessoa que o professor Henrique era e como contribuiu significativamente no seu processo educacional como seu professor há tempos. A fala do aluno vai servir para refletir nas políticas do estado como causador de diversas ações de violência e morte ao abordar pessoas negras na rua e com isso, crítica o racismo institucionalizado nos meios de poder no país.

O aluno ainda mantém viva a memória de quem era Henrique e por cima, reforça com sua fala, a necessidade de manter viva a memória daqueles que lutaram e foram vítimas das injustiças sociais. Nesse contexto, o trecho mostra a dualidade do sofrimento individual e a resistência coletiva, e mantém acesa a memória como forma de contribuir para a valorização da história e luta de pessoas negras.

Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim. Preciso arrancara tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida (Tenório, 2020, pág. 157).

O personagem Pedro cita como foi preciso reconstruir tudo aquilo que lhe foi dito com base no que foi aprendendo enquanto pessoa na sociedade, com base nas experiências que teve, com base nas experiências que tinha visto. E nesse contexto, Pedro utiliza a rememoração como ato de resistência, utilizando a memória do pai, da mãe e das histórias que foi lhe contado, reinventando todas essas narrativas como forma de manter-se vivo, para que tivesse espelhos de resistência carregados consigo, sabendo que viveria



diversas dores para além de perder o pai por uma violência policial ou saber o quanto a mãe também sofreu por ser uma mulher negra. Nesse contexto, o autor Jeferson Tenório reconstrói o personagem Pedro como figura de resistência, acerca da memória estabelecida do seu passado ancestral.

Saio segurando Ogum entre as mãos. Às vezes, as ruas de Porto Alegre parecem intermináveis, labirínticas até, não porque as avenidas sejam grandes, mas porque me sinto perdido nelas. Assim como você se sentia. Talvez “perdido” não seja a melhor palavra. Ao caminhar por Porto Alegre, você se sentia sem lugar. Porque, toda vez que você saía para caminhar, tinha a impressão de estar invadindo um espaço. Bastava dar uma olhada em volta para perceber que você não podia pertencer àquilo, mas acontece que você insistiu. Permaneceu. Porto Alegre era um lugar que você construiu fora de si. Você nunca esteve dentro dela. E agora caminho por essas mesmas ruas, tenho Ogum em minhas mãos, e ainda me sinto perdido, mas a palavra continua não sendo essa. Vou em frente, na direção do Guaíba. Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez (Tenório, 2020, pág. 161).

Após a morte de Henrique, Pedro vai até seu apartamento. Mexendo nas coisas do pai, ele encontra Ogum, que era o orixá de Henrique e no qual acreditava muito em seus anseios. Com isso, Luara, sua tia, diz para que ele entregasse Ogum no Rio, como parte de um ritual religioso após a passagem do pai. Então, Pedro anda pelas ruas de Porto Alegre e relembra como aquela cidade parecia estrangeira para Henrique, como o pai nunca se encaixou em um lugar que colocava à prova a sua existência o tempo todo, até ser morto exatamente por possuir uma pele negra naquela cidade

. Por isso, Pedro vê o pai como esse grande espelho de resistência e luta e, segurando Ogum, pensa ‘agora é minha vez’, pois sabia de todos os problemas que ainda teria de enfrentar enquanto pessoa negra na sociedade, e assim viveria sob a memória de Henrique e dos seus ancestrais, resguardando inclusive aspectos religiosos. Assim, o autor Jeferson Tenório reforça a necessidade de resguardar e levar adiante questões culturais da comunidade negra, mantendo-as vivas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O vesso da pele* (2020) de Jeferson Tenório. Aponta o processo de rememoração como um poderoso ato de resistência, pois são nessas memórias que o personagem Pedro, filho do professor Henrique que é o personagem principal da



narrativa, encontra conforto e um reconhecimento de si enquanto homem negro na sociedade, atrelando seus aspectos de vivência social aos do pai e percebendo o quanto existe uma questão comum entre eles para além do laço afetivo, mas tomado por uma sociedade estruturalmente racista que entende sua cor de pele como uma ameaça social. A narrativa vai apontar especificamente como funciona a estrutura racista no âmbito policial Brasileiro. Destacando as lutas, os traumas e como essas abordagens truculentas cotidianas servem para desumanizar pessoas negras na sociedade e mostra o quanto o estado é falho nessa perspectiva. A memória vai funcionar como esse lugar de reconhecimento, luta e ao mesmo tempo, questionar e confortar a invisibilidade da existência negra.

Percebe-se na narrativa que o autor aponta cada personagem apoiando-se em outro para encontrar essa linha de entendimento sobre sua cor de pele e as marcas sociais que seus antepassados carregavam consigo, as estratégias de sobrevivência que utilizavam e por muitas vezes passavam para seus filhos por medo da reação da sociedade sob a vida daquela criança negra. Existe nesse processo um sentimento de consciência coletiva, onde um passa para o outro aquilo que acredita ser mudado na sociedade e quais atitudes precisam ser tomadas para isso, especificamente culpabilizando o estado por negligência além disso, proliferação do racismo por meio da polícia. Atrelar as memórias a mudança social, o autor Jeferson Tenório perpassa entre a independência do ser pessoal e do ser político. Mostrando como rememorar a história dos seus familiares, amigos e outras personalidades, pode servir para refletir e ir em busca de mudanças sociais e culturais vigentes na sociedade

Palavras-chave: Sociedade, Identidade. Narrativas. Rememoração



REFERÊNCIAS

Duran, Cruz da Renata Maria; Bentivoglio, Júlio. Dimensões. Vol. 30, 2013. Pág. 213-244. 2013.

Halbwachs, Maurice. A memória coletiva. 2ª Ed. São Paulo – SP. Biblioteca vértice. 1990.

Ricouer, Paul. Tempo e narrativa. Wmfmartinsfontes. São Paulo, 2012.

Schmidt, Sandoval Luiza Maria; Mahfoud, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. Psicologia USP. São Paulo. P. 285-298. 1993.

Silva, da Francisca Giuslane. Halbwachs: A memória coletiva. Aedos. Porto Alegre. V.8, nº18, p. 247-253. Ago 2016.

Tenório, Jeferson. O avesso da pele. São Paulo. Companhia das Letras. 2020.

